



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

## **Experiências multissensoriais entre imagens e cegueira<sup>1</sup>**

Patrícia Azambuja<sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão

Alessandra Medina<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão

Geovane Barros Vale<sup>4</sup>

Universidade Federal do Maranhão

Lucas Corrêa<sup>5</sup>

Universidade Federal do Maranhão

### **Resumo**

Como agir quando encontramos diferenças que parecem irremediáveis? A relação entre fotografia e cegueira nos foi apresentada por Eugen Bavcar, como a possibilidade de filosofar sobre o mundo no qual queremos existir; e não apenas habitar. O registro fotográfico nos oferece meios de construir esse conjunto de possibilidades. Não apenas registrar, portanto, mas “fazer existir”. Não apenas documentar, mas criar e levar o outro a imaginar. A experiência de olhar o mundo através dos “olhos” de um cego, nos ajudou a enxergar melhor. A ver o que antes não era percebido. A compreender através dos múltiplos sentidos, do “hibridismo visuotátil”, das não palavras, ou das não imagens já prontos sobre o mundo. Por fim, a refletir antes mesmo de memorizar. O trabalho que será descrito a seguir foi desenvolvido em 2015, pela turma de Direção de Fotografia do Curso de Rádio e Televisão - Universidade Federal do Maranhão.

**Palavras chave:** fotografia; cegueira; comunicação; multissensorialidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, realizada pela Universidade Federal do Maranhão, Universidade CEUMA e Faculdade Estácio de São Luís, entre os dias 21 e 23 de novembro de 2018. GT4 - Práticas Profissionais e Formação Cidadã em Comunicação. Este trabalho é o relato de experiências em sala de aula, envolvendo professora e alunos, visando a reflexão e a produção de imagens através de estratégias multissensoriais.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do projeto de pesquisa “Mise-en-scène Plástico”, vinculado ao Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação - ObEEC. Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão/ FAPEMA. Email: [patriciaazambuja@yahoo.com.br](mailto:patriciaazambuja@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Aluna de graduação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [aleeh@gmail.com](mailto:aleeh@gmail.com)

<sup>4</sup> Aluno de graduação do curso de Rádio e Televisão da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [geovaneb8@gmail.com](mailto:geovaneb8@gmail.com)

<sup>5</sup> Aluno de graduação do curso de Rádio e Televisão da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [lucasdiascorreia@outlook.com](mailto:lucasdiascorreia@outlook.com)



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

Conheci Cristiano Viegas em 2015, como aluno da disciplina de Direção de Fotografia. Formado em Administração de Empresa, funcionário do Colégio Universitário, perdeu a visão aos 20 anos e resolveu cursar Rádio e Televisão aos 28 anos. Como ele mesmo gostava de afirmar, a disciplina de fotografia lhe provocava medo, por tratar diretamente com produção de imagens.

O entendimento no geral eu tenho, se for trabalhar só teoria dá para entender, a questão é a prática. [Mas] eu queria um desafio [...] Eu entendo que essas dificuldades vão me deixar melhor. Eu vou sair um profissional melhor (Entrevista feita com Cristiano no dia 01 de fevereiro de 2016).

Se havia temor por parte do aluno, como professora de uma disciplina técnica, estruturada de maneira a explorar dispositivos internos, estratégias de composição visual e captação de imagens, a experiência *a priori* também assustava. Teria, no mínimo, que sair de uma zona de conforto que a cada semestre apenas se acomodava; compreender (e aceitar) as diferenças e estabelecer linhas pedagógicas para aquela situação em específico; por outro lado, seria fundamental traçar meios de envolver os demais alunos no processo. Teríamos que produzir imagens juntos, irmanados através de um objetivo em comum.

### **Referências preliminares: imagética multissensorial**

Começamos portanto explorando outras experiências. Ocorrendo-me de imediato a lembrança do documentário *Janela da Alma* (2001), dirigido por João Jardim e Walter Carvalho. Nele nos deparamos com ideias densas acerca da relação entre o ato de ver, a imaginação e o “terceiro olho”, quando o neurologista David Sacks, em depoimento no documentário, afirma: “O ato de ver não se limita olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também o invisível. De certa forma é o que chamamos de imaginação”. Para ele, as emoções ficam registradas nas imagens, definindo uma conexão entre a memória visual, a percepção e a emoção.

A pesquisa bibliográfica preliminar nos colocou em contato com o texto da pesquisadora Virginia Kastrup (2013) que, ao buscar respostas para a pergunta: “Será que cegos sonham”, relatou sobre a dinâmica estrutural das imagens mentais e os componentes da imagética não visual em lembranças e sonhos. Em linhas gerais, ela concluiu, após estudo com cegos precoces, a existência de “uma imagética multissensorial [...] e hibridismo visuotátil das imagens táteis distais, bem como a presença de elementos da linguagem dos videntes” (p.431).

Cristiano tinha memória visual dos 20 anos como vidente, mas relatou que sua orientação nos ambientes quase sempre se dava pela sensação do vento e pela diferença de temperatura. A falta de visão



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

não prejudicava sua experiência com o mundo; afinal podemos sentir e conhecer o mundo através de todo nosso sistema sensorial, que além da visão, inclui a audição, o tato, o paladar e o olfato, além de outros sentidos que a comunidade científica não entra em consenso em termos quantitativos. Logo nos deparamos com o conceito de multissensorialidade, a partir do qual o conjunto de estímulos e percepções são responsáveis por nossa relação com o mundo (KASTRUP, 2013).

No documentário *Janela da Alma* (2001), o fotógrafo cego Eugen Bavcar afirma que a civilização vem perdendo a visão em decorrência de veículos de comunicação como a TV, por exemplo, que oferece imagens prontas. Limitamos nossas sensações ao que podemos ver, o que gera certa passividade por parte da recepção, além de nos tornar pouco criativos nos momentos de produção imagética. O ditado popular “o que os olhos não veem, o coração não sente” traduz a forma como a sociedade contemporânea responde à imagem. Porém, a partir do contato com Cristiano, e suas experiências na produção, redescobrimos que mundo ao nosso redor não precisava ser percebido apenas através da visão.

Em contato com esses autores, identificamos uma abordagem extremamente positiva na relação entre cegueira e aprendizagem, e que “segue o caminho aberto por Diderot (1749/1979), que enfrentou pela primeira vez o desafio de entender o efetivo funcionamento cognitivo das pessoas cegas baseado nos demais sentidos” (KASTRUP, 2013, p.432). Assim, já colocando como desafio para toda turma, ficou definido que produziríamos um ensaio fotográfico e um documentário sobre o processo criativo de Cristiano. Como orientação comum: o registro imagético das formas mentais e multissensoriais, ou seja, fotografias e argumento articulados através do afeto/emoção: para além da visão pura dos registros.

Autores como Martine Joly (1996) discorre sobre imagem: “algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginário ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e reconhece” (p. 13). Seguindo neste viés, podemos dizer que a imagem em si vai muito além do que é comumente conhecido como físico: ela é subjetiva e passível de visualização, dependendo das ferramentas fornecidas ao espectador. Portanto, a subjetividade de quem produz (ou percebe) baliza muitas questões neste trabalho, por exemplo: se a imagem, que de acordo com o senso comum, é física e especificamente visual, seria ela também exclusivamente concreta? Citaremos, ainda nesse contexto, outro conceito também descrito por Joly (1996), o de imagem mental, que “corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, de vê-lo quase como se estivéssemos lá.” (p. 19). Ou seja, o pensar

21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

imagético vai muito além do que podemos ver de forma direta; ele passa por nossos sentidos, pelas sensações e por toda a questão da experiência estética.

Jacques Aumont (1993) afirma que em conjunto com o pensamento verbalizado há espaço (e potência) para modos de pensamento que se organizam diretamente a partir dos órgãos dos sentidos, o que define como pensamento visual: "de todos os nossos sentidos, a visão é o mais intelectual [...] e talvez o único cujo funcionamento esteja de fato próximo ao do pensamento" (p.93). Ao compreendermos esse fato passamos a entender a representação fotográfica na sua complexidade e através dos seus elementos de subjetividade.

### **Fotografias: visão, tato e audição**

Nas primeiras externas, decidi colocar Cristiano junto com os demais colegas, para então conversar com ele sobre suas impressões. Foi muito impactante ouvir seus relatos da falta de sentido nas instruções que ouvia, de como posicionar a câmera, para qual direção etc. Mais intrigante foi o resultado da segunda externa, quando Cristiano ficou livre para decidir: uma imagem em *plongée* da sinalização tátil da calçada. A fotografia, que tecnicamente não me dizia muita coisa, emocionalmente me colocava em um lugar no qual eu nunca havia estado. Como se conseguisse sentir a sua insegurança em relação ao trânsito da cidade. Nesse caso, outro depoimento de Eugen Bavcar ficou bem marcado: "Não devemos falar a língua dos outros, nem utilizar o olhar dos outros, porque nesse caso, existimos através do outro. E precisamos existir por nós mesmos".

Na última externa com Cristiano me preocupei sobretudo em seguir as suas orientações, suas sensações e descrições do espaço: calor, frescor, medo, segurança, sons, entre tantas outras. Desse modo, as imagens produzidas, mesmo que ajustadas por mim, tinham o propósito de "sintetizar a essência" das impressões ou necessidades de expressão do fotógrafo. Talvez, quem sabe, o encontro entre dois sujeitos. Ou, no mínimo, o início de um processo no qual o sujeito não-vidente pudesse dali em diante descobrir seus próprios caminhos. Não existe resposta definitiva para as tantas questões levantadas.

Como parte essencial, existia o segundo desafio de colocar os demais alunos naquele mesma sintonia: registrar instantâneos mais sensoriais e abstratos. Das mais de 50 fotografias produzidas pela turma, 12 foram selecionadas para a mostra. A temática do ensaio era bastante híbrida: coletânea de imagens com potencial expressivo, que pudesse contar novas histórias, mostrar outros ângulos ou



21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

possibilidades de existência. Enfim, apelo imagético com potencial de trazer à tona outras impressões e sensações sobre a UFMA (ou sobre nós mesmos).

No sentido de explorar a subjetividade individual de cada fotógrafo, que acabaria por aglutinar todas as imagens, alguns artifícios foram utilizados. Em algumas fotografias foi possível notar o uso de *texturas* quase palpáveis; em outras, as cores exibidas de forma distante em superfícies refletidas, portanto, *novos ângulos* a brincarem com nossas percepções de mundo. A disposição dos objetos centrais em *segundo plano*, ou vistos através de outros objetos de cena, geravam novas perspectivas. Todas essas sendo leituras que iriam divergir – ou convergir – de pessoa para pessoa, trazendo a questão da imagem mental e da experimentação com as sensorialidades.

O terceiro desafio foi despertar a multissensorialidade do público que contemplaria o ensaio de fotos. Partimos para pensar outras "condições de recepção" (AUMONT, 1993, p.91) entre imagens e receptor: outras sensações para as imagens visuais, explorando a materialidade do espaço e os objetos fotográficos, que passariam a ter texturas físicas e ser apresentados sob forma de móveis nas passagens dos corredores da Instituição. O título proposto para o ensaio: "Entre Olhares".

A turma deliberou sobre a necessidade de criar texturas em alto relevo para proporcionar a percepção através do toque. Colocamos em prática a técnica de pontilhismo, que consistiria em, com uma agulha, furar levemente a parte de trás da fotografia, de maneira que certo relevo se formasse na parte da frente. Esse relevo foi sendo configurado até que, ao fim, linhas guiariam a percepção dos desenhos fundamentais da imagem. Logo, os não-videntes poderiam percebê-la através do tato; e os videntes, ao terem seus olhos vendados, também experimentariam a expansão imaginativa de construir referências visuais pelo toque, ativando outros sentidos além da visão, o que incluiria a tátil e a auditiva.

A experiência de fazer audiodescrição, para autores como Felipe Mianes (2016), trata-se de uma ação afirmativa "e de empoderamento das pessoas com deficiência, cujo objetivo é minimizar as desigualdades sociais causadas pelos processos de discriminação e preconceito" (p.10). Nesse caso em específico, o autor nos auxiliou com a aproximação necessária aos conceitos apreendidos, assim como, sua aplicação. Além do conhecimento técnico (sobre como produzir áudio) e estético (conceitos imagéticos implícitos no áudio), tomamos contato como outro campo de atuação profissional para o comunicador. "O audiodescritor narrador é aquele que realiza a locação do roteiro, observando a entonação, a velocidade e a modulação da voz a fim de torná-la a mais adequada possível para a compreensão do público" (MIANES, 2016, p.12).

21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

Como orientação, compreendemos que existem muitas formas de propor conteúdos para audiodescrição, no entanto, buscamos evidenciar os elementos constituintes na imagem da forma menos generalista possível, descrevendo elementos visuais centrais, e suas formas de organização.

*"A composição trata, a priori, de folhas dispostas simetricamente, ocultando outros olhares que se pode obter. As folhas são focadas, como frestas do olhar humano para além do que se nota a cada momento captado".*

*Exemplos de audiodescrição reproduzidas no corredor onde as fotografias estavam sendo contempladas.*

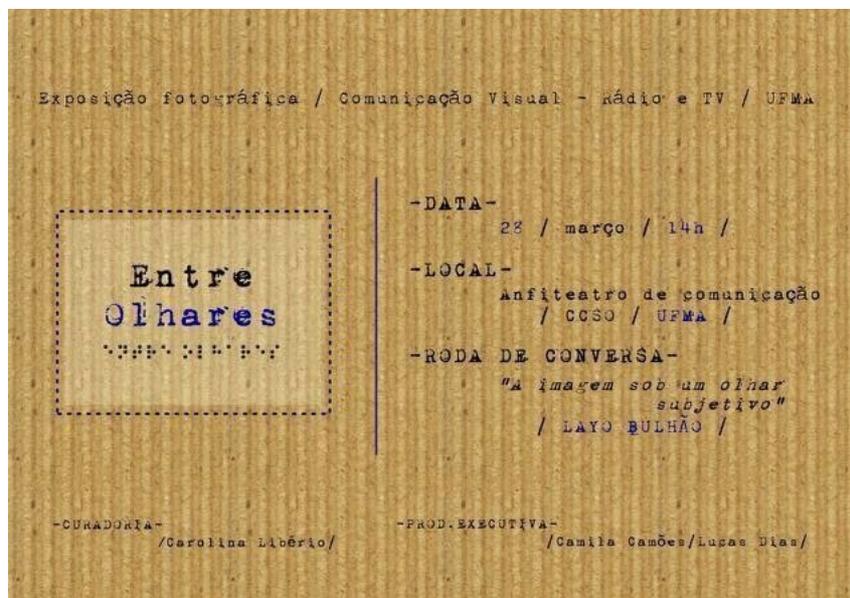


FIGURA 1 *Identidade visual criada pelos alunos Ayrton Bastos e Jhonny Amorim*



FIGURA 2 *O espaço destinado para exposição das fotografias, em formato de móvel, tinha como proposta: as múltiplas sensações através de um corredor "sinestésico".*

### **Documentário poético: *Passeios pelas Sensações***

Acompanhado disciplina Direção de Fotografia foi a primeira experiência de produção de imagem do Cristiano Viegas, e foi através dela que pudemos conhecer especificidades que envolviam o seu processo criativo. A disciplina permitiu a experimentação de metodologias que auxiliassem Cristiano em seu processo de produção de imagem, assim buscamos compreender e acompanhar suas relações sensoriais com o espaço.

Entendemos, portanto, que a relevância de nosso roteiro consistiria na proposta de documentar combinações entre imaginação, imagens mentais e proposições multissensoriais a partir do registro do processo de criação fotográfica de um jovem com deficiência visual. Além disso, a temática nos fez refletir em como reagimos diante de imagens, e nos possibilitou constatar que a imagem audiovisual/fotográfica não existe como mero recurso de captação da realidade, mas também a partir dos seus referenciais simbólicos, de captação de emoções, sentimentos, enfim, subjetividades.

Isso nos motivou a pensar um produto audiovisual, experimentando propostas imagéticas inspiradas em nossos momentos de convivência com Cristiano, e "nossas novas" formas de apreensão do mundo material que nos envolve. Sua sensibilidade auditiva, talvez resultado da sua paixão por música, nos estimulou a produzir um vídeo que documentasse essas experiências. Durante o processo de produção do roteiro, entrevistamos Cristiano Viegas e descobrimos muito mais: sua relação com o trombone, desde os 13 anos, sua paixão pelo futebol, por cinema, assim como o acidente que o fez perder a visão aos 20 anos. O que para ele não foi um empecilho, mas um novo momento, cheio de expectativas e descobertas.

Entendemos desde o início do trabalho que uma estrutura convencional não estaria em conformidade com os objetivos propostos. A escolha do formato usado para registrar a experiência partiu de amplas pesquisas e discussões sobre os gêneros de audiovisual existentes. Optou-se pelo gênero documentário, que segundo Fernão Pessoa Ramos (2008) “é uma narrativa com imagens-câmera, que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo” (p.22). Além de definir, Ramos (2008) apresentou características do documentário, entre elas: presença de locução (voz over), de entrevistas, rara utilização de atores profissionais. Essas características foram determinantes para a escolha do gênero documentário.

No entanto, para o mesmo autor, o sentido de entretenimento vinculado ao universo ficcional impõe, para o gênero, características interessantes. Nele o espectador estabelece "hipóteses, relações,

21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

previsões sobre os personagens, suas personalidades e as ações verossímeis que lhes cabem" (RAMOS, 2008, p.24), estabelecendo "empatias emotivas (emoções)" (p.24). Considerando que o nosso primeiro contato com tema "cegueira" já nos induzia a uma percepção mais onírica, subjetiva e o envolvimento com outras formas de apreensão material e emocional, buscamos nos aprofundar nas possibilidades documentais. A metodologia utilizada para adentrar em um universo tão complexo não poderia ser outra, e a escolha do gênero também. Márcia Moraes (2010), no seu texto *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual*, nos auxiliou a refletir sobre os meios: "As práticas são performativas, isto é, fazem existir realidades que não estavam dadas antes e que não existem em nenhum outro lugar senão nestas e por estas práticas" (MORAES, 2010, p.35). Os momentos anteriores à finalização do argumento ou do pré-roteiro estaria vinculado a uma prática performativa, portanto, que buscaria fazer "COM o outro" e não "SOBRE o outro".

Neste documentário, os limites entre ficção e realidade estão borrados pela presença de uma personagem que age como ente que leva adiante a ação. No sentido de realizar essa travessamento entre fronteiras de gêneros, decidimos por fim seguir os "traços característicos" de dois "modos de representação" descritos por Bill Nichols (2005): performático e o poético. A escolha pela experimentação se dá pela não conformidade do documentário convencional com a temática da multissensorialidade imagética, amparada no lúdico e na imaginação como meio para gerar reflexão. Logo, apenas um produto híbrido poderia alcançar os objetivos propostos pelo argumento<sup>6</sup>.

### **Questionamentos finais**

Curiosamente, a experiência final seguiu em caminho contrário aos temores iniciais de todos. Proporcionou um conjunto indescritível de novas descobertas, possibilidades pedagógicas, práticas sociais e percepções sobre/para/com o mundo.

A temática abordada (deficiência visual e produção fotográfica) nos fez refletir sobre o nosso próprio processo de produção de imagem. Estamos apenas criando imagens de maneira passiva e construindo espectadores também passivos? Eugen Bavcar discorre sobre o fato da civilização atual estar sendo induzida à cegueira pelos meios de comunicação e suas imagens prontas. Nós, produtores de imagem, que estamos entre os responsáveis pelas produções imagéticas, seríamos co-atores na indução de uma cegueira massiva?

---

<sup>6</sup> Vídeo disponibilizado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=CgRR5Qf93dE&t=27s>

21 a 23 de novembro de 2018. São Luís - Maranhão.

São questionamos que ficam.

Ao entrevistar e acompanhar Cristiano Viegas, percebemos que sua orientação pelos demais sentidos não serve apenas como uma compensação à deficiência visual, mas como constructo para sua subjetividade e seus processos conscientes. Ao produzir fotografias, Cristiano descreve seus sentimentos e percepções antes de finalizar a imagem, o que ajuda a carregar a fotografia de sensações, além de criar novas percepções ao indivíduo que observa.

Nesse sentido, nós, como Comunicadores Sociais, não devemos insistir em apresentar realidades puras, baseadas em paradigmas estabelecidos e arbitrários. Devemos sim auxiliar na visibilidade para outros paradigmas, outras subjetividades e outras reflexões sobre o mundo, enfim, compreender (e levar a compreender) os diferentes graus de analogias daquilo que definimos como realidade.

Sobre a experiência em sala de aula, fica o depoimento do aluno Lucas Corrêa: “O que posso dizer é que, dependendo da disciplina, a dinâmica deve mudar. Em algumas disciplinas, como fotografia e sonorização, por exemplo, a turma por completo conseguiu ter uma experiência bastante sensorial”. Ratificando, com isso, a necessidade de inclusão das diferenças como uma prática capaz de trazer benefícios para todos os envolvidos no processo.

### **Referências Bibliográficas**

- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo: Papyrus, 1993.
- KASTRUP, Virginia. “**Será que cegos sonham**”: caso de imagens táteis distais. Revista Psicologia em Estudo, v. 18, n. 3. Maringá, 2013. Disponível no link <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n3/v18n3a04.pdf>
- MARTINE, Joly. **Introdução a Análise da Imagem**. São Paulo: Papyrus, 1996.
- MIANES, Felipe Leão. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. in: CARPES, Daiana (org.). **Audiodescrição: práticas e reflexões**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.
- MORAES, Márcia. **PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual**. In: Moraes, M. e Kastrup, V. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010. Fragmentos dos livros disponibilizados pela autora no link: [http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos\\_sti/Márcia%20Moraes/2010\\_txt15.pdf](http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Márcia%20Moraes/2010_txt15.pdf)
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

### **VÍDEOS**

**JANELA da Alma**. Direção de João Jardim e Walter Carvalho; Produção de Flávio R. Tambellini. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2001, 1 DVD (73 min).